

Comunidades Quilombolas de Passagem e Peafú

Santarém e Monte Alegre PA

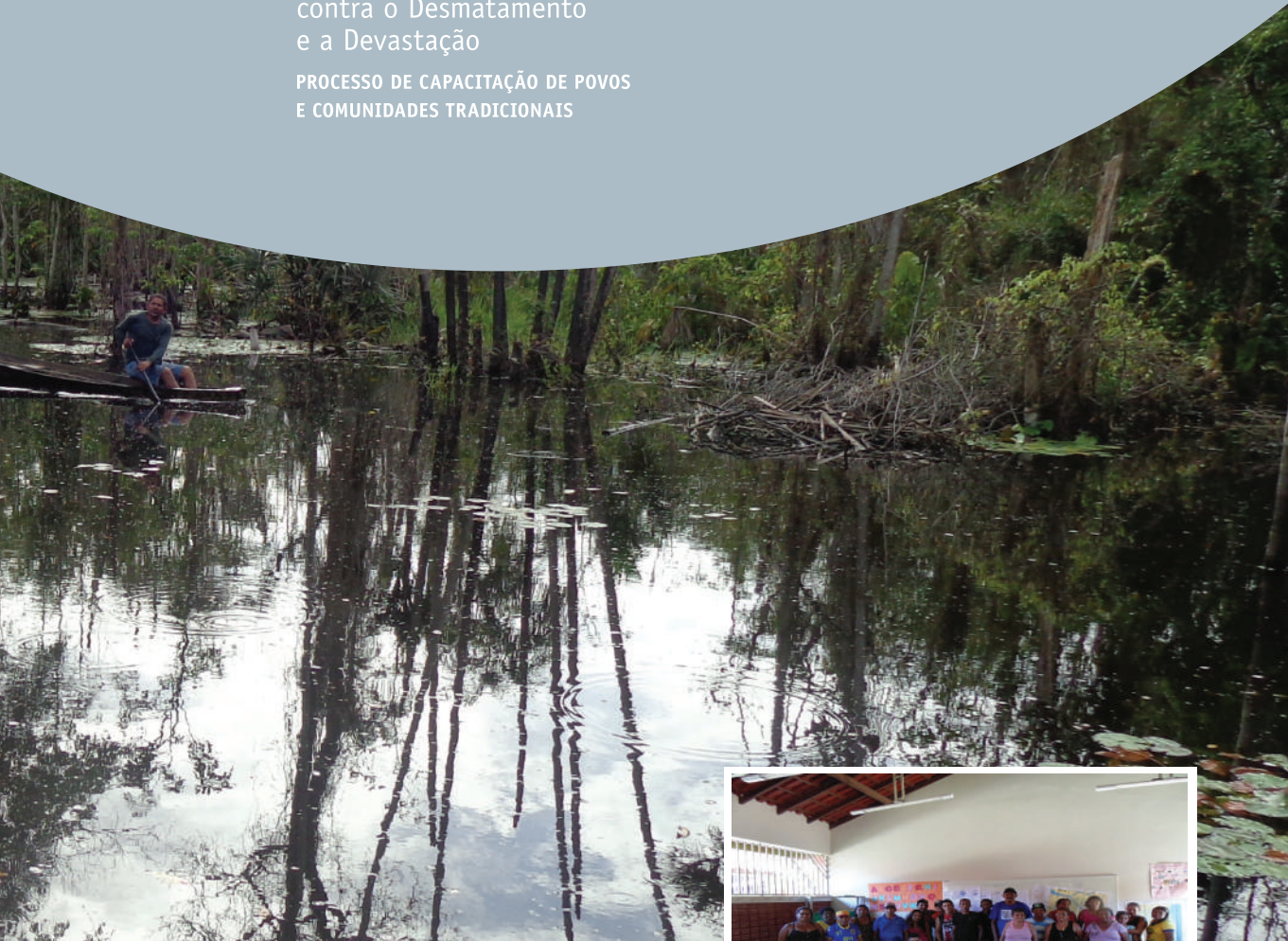
23

PROJETO

Mapeamento Social

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**

COORDENAÇÃO GERAL

Alfredo Wagner Berno de Almeida
CESTU/UEA

Rosa Elizabeth Acevedo Marin
NAEA/UFPA

COORDENAÇÃO REGIONAL

Judith Costa Vieira
ICS/UFOPA

Solange Maria Gayoso da Costa
ICSA/PPGSS/UFPA

EQUIPE DE PESQUISA

Aldo Lima
UFOPA

Adrea Fabíola Pinheiro
UFOPA

Bruno Alberto Paracampo Mileo
ICS/UFOPA

Judith Costa Vieira
ICS/UFOPA

Marcos Vinicius Costa Lima
UNAMA/INCS

Solange Maria Gayoso da Costa
PPGSS/ICSA/UFPA

EDIÇÃO

Bruno Alberto Paracampo Mileo
ICS/UFOPA

Judith Costa Vieira
ICS/UFOPA

Marcos Vinicius Costa Lima
UNAMA/INCS

Raiana Mendes Ferrugem
ICS/ PAA/ UFOPA

Solange Maria Gayoso da Costa
PGSS/ICSA/UFPA

FOTOGRAFIAS

Adrea Fabíola Pinheiro
UFOPA

Judith Costa Vieira
INCS/UFOPA

Marcos Vinicius Costa Lima
INCS/UFOPA

Solange M^a Gayoso da Costa
PPGSS/ICSA/UFPA

CARTOGRAFIA:

coleta de dados e croquis – equipe de pesquisa e participantes da oficina; ícones da legendado mapa– participantes das oficinas de cartografia; montagem e arte cartográfica

Marcos Vinicius Costa Lima
UNAMA/INCS

DESIGN E PROJETO GRÁFICO:

Casa 8 Projetos e Edições

REALIZAÇÃO

ASSOCIAÇÃO DE REMANESCENTES DE
QUILOMBO DE PEAFÚ – ARQPEAFU
CNPJ

Presidente
Everaldo Valente

Vice-Presidente
Joel Vicente de Souza

1ª Secretária
Maria de Fátima dos Santos de Lima

2ª Secretária
Raimunda Roseli da Conceição Figueiredo

1ª Tesoureira
Vanderneide de Souza Aragão Vicente

2º Tesoureiro
Jakson Jorge Valente

Conselho Fiscal
Conselheiros titulares
1º. Francinei Carvalho Fraga,
2º. Mirlane da Silva Sena,
3º. Renan Valente de Oliveira Junior

Conselheiros suplentes
1º. Maria Eliana Onete de Assunção,
2º. Jonis Márcio Souza e Souza
3º. Rosandra Valente de Oliveira dos Santos

ASSOCIAÇÃO DE REMANESCENTES DE
QUILOMBO DE PASSAGEM – ARQPASSAGEM
CNPJ 02.824.420/0001-07

Presidente
Elso Valdinei

Vice-Presidente
Genildo Neres,

Vice-Secretário
Amauri Neves Monteiro,

Tesoureiro
Haroldo Bernardo dos Santos

Vice-Tesoureira
Amanda Lima dos Santos

Conselheiro titular
Maria do Rosário de Lima Castro

Conselheiros suplentes
1º. João Carlos de Sousa Lobato,
2º. Rosângela Rebelo Lemos
3º. - Sebastião Manoel Lemos

Participantes das Oficinas

Albanizia Oliveira dos Santos, Amauri Neres Monteiro, Amilton Fonseca da Silva, Ana Cleide Oliveira dos Santos, Ana Jeuzza Vicente Coutinho, Antonio Pereira de Queiroz, Camila Suelem da Silva Rodrigues, Carla Cristina da Silva Rodrigues, Carlos Menezes Rodrigues, Carlos Roberto Lima dos Santos, Diego Oliveira, Edinelza Soares de Abreu, Eliene Rayane da Conceição Assunção, Elso Valdinei Oliveira dos Santos, Everaldo Valente, Francisca Leonil Lemos dos Santos, Francisco Oliveira dos Santos, Francisnei de Carvalhos Chagas, Genildo Neves, Geraldo Monteiro, Haroldo Bernardo dos Santos, Horacio Oliveira dos Santos, Iraci Rabelo Lemos, Jamily Santos da Silva, João Carlos Lobato, Joelma do Lirio, José Edmilson Conceição dos Santos, Julian Santos de Souza, Lucilene Costa Santos, Luzia Lucia Oliveira da Silva, Manoel Pereira de Jesus, Manuel Bernardo Ferreira Moraes, Marciandra dos Santos Xavier, Mareleuza Corrêa dos Santos, Maria Caetana Oliveira da Silva, Maria das Graças L. Dos Santos, Maria de Fátima dos Santos De Lima, Maria de Lourdes Rabelo, Maria do Rosario de Lima Castro, Maria Eliana Onete de Assunção, Maria Elisangela Lima dos Santos, Maria Rosemere da Silva Soares, Maria Silvana Guimarães dos Santos, Marília Neres Monteiro, Mirlane da Silva Sena, Nazaré Idiane Oliveira dos Santos, Ofélia Danielle B. de Magalhães, Osvaldo F. de Vasconcelos Filho, Patricia dos Santos, Raimunda Elionara Onete de Vasconcelos, Raimundo Benedito Santos, Raquel dos Santos Alves, Redinelson Farias dos Santos, Ronay Dias Aleud, Rosita Valente da Conceição, Sheilina da Silva Rodrigues, Silverio Bernardo dos Santos, Sinelsin do Batista dos Santos, Tailane Oliveira dos Santos, Telma Osani Oliveira dos Santos, Thiago Oliveira dos Silva, Vanderneide de Souza Aragão Vicente

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação : processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais: comunidades quilombolas de Passagem e Peafú, Santarém e Monte Alegre, 23/ coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin. – Manaus: UEA Edições, 2014.

12 p.: il. color. ; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-309-1

1. Conflitos sociais. 2. Quilombolas - Pará. 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo.

CDU 528.9:316.48(811.5)

Duas comunidades, dois municípios e aliança na luta pelo reconhecimento

A partir de uma rede de articulações com comunidades quilombolas de municípios como Santarém, Oriximiná, Alenquer, as comunidades de Passagem e Peafú começam também a se organizar para o enfrentamento das situações de conflitos com fazendeiros, grileiros, grandes pescadores e para reivindicar junto ao Poder Público o reconhecimento e legalização de seus territórios. A partir daí começam a se identificar e serem identificadas como “as comunidades quilombolas de Monte Alegre”.

Dentro de um processo bem amplo de organização política e demanda territorial surge a demanda pela realização de oficina de cartografia social e produção do fascículo correspondente. O que se descobre ao longo do trabalho de Cartografia social é que tais grupos, embora reconhecidos como “comunidades quilombolas de Monte Alegre”, encontram-se em jurisdições territoriais diferentes. Enquanto Peafú localiza-se no municípios de Monte Alegre e as terras correspondentes pertencem “oficialmente” ao Estado do Pará, a comunidade de Passagem está sobre a jurisdição do município de Santarém.



Foto da oficina com os quilombolas das comunidades de Peafú e Passagem em 23 de agosto de 2014

Autoria: Solange Gayoso

Diante deste quadro fundiário e administrativo um tanto confuso e visando respeitar a aliança política do próprio grupo optou-se, inclusive, com anuência das comunidades em questão, em organizar neste mesmo fascículo suas histórias e suas demandas. Deste modo, aproximam-se a discussão dos conflitos e problemas que são comuns aos dois grupos, respeita-se a diversidade de cada território e tor-

na possível o dialogo separado com cada ente público responsável pela prestação dos serviços públicos que correspondem a boa parte das demandas destas comunidades.

As origens da comunidade

“Eu participo. Eu me considero assim como quilombo, porque quando eu cheguei aqui na Passagem tá com trinta e três anos se tem mais um ano, dois ou três. O pessoal diz que eles não eram escravos. Mas eu conheci a minha esposa como escrava, trabalhando pro um senhor aí. Gente grande não posso falar o nome dele. Mas todos aqui trabalhavam com serviço escravo. Saíam com um pedacinho, se chamava aquilo “piramutabua” que passava no Amazonas, que o padrão lá vendia para eles, eles trabalhavam de sol a sol. Se souber onde é o São Joaquim, eles iam daqui três horas da madrugada. Dé pés por aqui, por uma rua que vai pra lá. Bem ali perto da igreja, iam para lá. Às vezes eles voltavam. Tinha uns que voltavam pra dormir aqui. Já vinham por aqui. O São Joaquim é uma fazenda que tem lá embaixo do Santana, onde a balsa encosta. Dá quase uma hora a pés, ou mais de uma hora. Então eles chegavam sete horas da noite. E era todo dia... O pessoal todo dizia, vai



Dona Maria de Ludres Rebelo e Seu Manoel Sebastião Lemos
Foto Judith Vieira

lá na Passagem arrumar um preto da Passagem para trabalhar. Aquilo me doía, eu trabalhava com os caras grandes, que tinham muito gado. Ficava escutando aquilo. Aquilo me magoava muito. Preto, preto, preto, todo ficou preto. Daí a história deles é assim, desse tipo de sofrimento. Graças a Deus que mudou muito. Até meu sogro disse: “Que o que eu vi, que vocês não vejam mais e o que eu não vi, vocês vão ver.” JOÃO CARLOS DE SOUSA LOBATO, COMUNIDADE DE PASSAGEM

“Que eu mesmo não testemunhei assim vendo, mas eles contavam que vieram fugidos do trabalho escravo. Para viajar no navio eles viam dentro de um bauzão de madeira né, pra chegar pra cá. Eles tinham como refúgio esta beira de gapó, aí pra dentro. Faziam fogo, eles não queriam nem que tivesse fumaça assim porque eles tinham medo de alguém (...). Eles trabalhavam com o dono, com um fazendeiro aqui no Miritituba que tem uma área aí. E lá ainda tem os restos assim de bagulho, como aqueles o galpazão que eles tinham. Lá eles se entocavam, lá se eles viessem alguém desconhecido eles se entocavam tudo lá com medo de alguma coisa. Pelo que eles passaram, eles não queriam mais passar. E dessas famílias que foi se gerando a população de hoje”. MARIA ELIANA ONETE DE ASSUNÇÃO, COMUNIDADE DE PEA FÚ

“É, porque quando eu me entendi muitas pessoas que foram nascidas e criadas aqui já tinham falecido, mas eu ainda conheci a minha avó, bisavó. Era Jovita Maria da Conceição, as filhas dela também Maria do Carmo da Conceição, Maria Joana da Conceição e Luzia Romano da Conceição. Elas eram todas negras, a minha avó você precisava ver, era uma negra que quando andava chega estrondava a terra. A outra minha tia também era negra, negra, negra, negra, bem negra mesmo. Aí já a continuação, as mudanças de casar com um claro, já vai modificando as cores, mas acredito que são todos negros mesmo aqui.

É ela sempre falava que era a primeira habitante era uma senhora branca, foi ela que começou a dividir um pedacinho de terra pra cada um deles que chegava aqui ela dava pra fazer as barracões. Aí foi ficando, casando só que eu não conheci essa mulher, mas sempre elas falavam. Os pais dela eu também não conheci, das minhas tias, o marido da minha avó também. Sei que elas vieram, a minha avó teve uma vida sofrida porque quando ela chegou aqui os filhos dela viviam ainda eram preso, faziam caixas e levavam pra dentro do igapó para os brancos não encontrarem, naquela época eles compraram, era os portugueses né? Compravam as crianças que eram negras e elas com medo que elas perdessem os filhos elas faziam isso.” ROSITA VALENTE DA CONCEIÇÃO, COMUNIDADE DE PEA FÚ

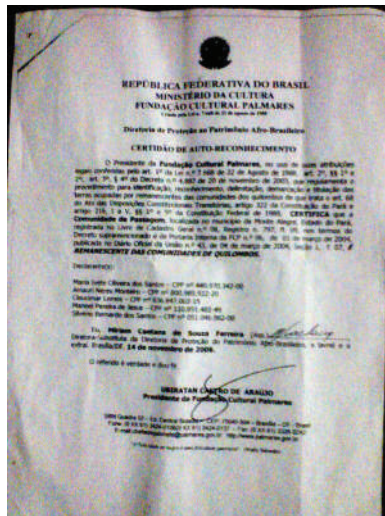
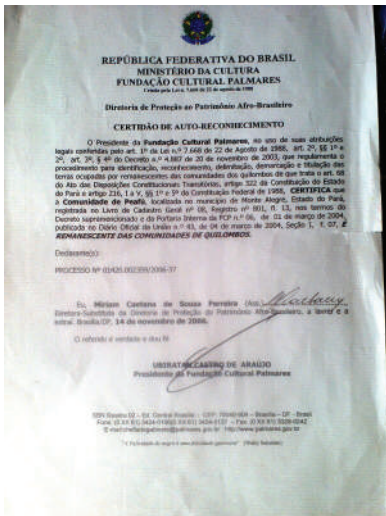


Foto Fabíola Pinheiro

O ser quilombola

“Ah eu me sinto sim, sinto. Quando perguntam pra mim eu mesmo digo me sinto orgulhosa, até porque de primeiro a gente era discriminado na cor. Quando eu estudei na cidade, quando eu estudava lá, às vezes dentro da sala de aula mesmo os meninos levavam, tinha um rapaz lá de Surubeju dizia: - Rosita Valente cai da cama e quebra o dente. Ai quando não era “Ei preto do Peafu”, não podia passar uma pessoa daqui que eles discriminavam o preto do Peafu, até hoje ainda tem gente que ignoram esse negócio de preto, mas eu me sinto orgulhosa. É bom também porque principalmente as crianças elas são tratadas melhores na sala de aula, de primeiro uma criança sofria hoje não. Nos também, velhos e idosos nós somos bem tratados. Eu frequento um grupo de idosos na cidade e ai eu sou bem tratada e todas as pessoas tem a maior consideração por nós e por isso eu me sinto orgulhosa nessa parte.” ROSITA VALENTE DA CONCEIÇÃO, COMUNIDADE DE PEAFÚ

“As conquistas, é como eu lhe disse. O primeiro passo que nós fizemos foi a organização. Porque quando você se autoreconhece como quilombola, porque a nossa geração, a nossa raça, a nossa cor é negra, negra. Cabelo mesmo Pichain. Ai não custava nada agente ter este reconhecimento. Porque o povo da geração passada, “trasada”, eles vieram, eram duas famílias, três famílias aliás. Aqui, lá e ali do Peafú. Família Vicente, Onete né, e família Valente...Já era meu avô, meu tio. Dessas famílias que geraram. Que aqui nós somos tudo parente. Esse rapaz ai que é o presidente, ele é meu primo de segundo grau. Essas meninas tudo ai são minhas segunda prima, de segundo grau, e assim por diante. Um é tio, um outro é avô o outro é tia de segundo grau, mas tem um sangue na veia de cada um.” MARIA ELIANA ONETE DE ASSUNÇÃO, COMUNIDADE DE PEAFÚ

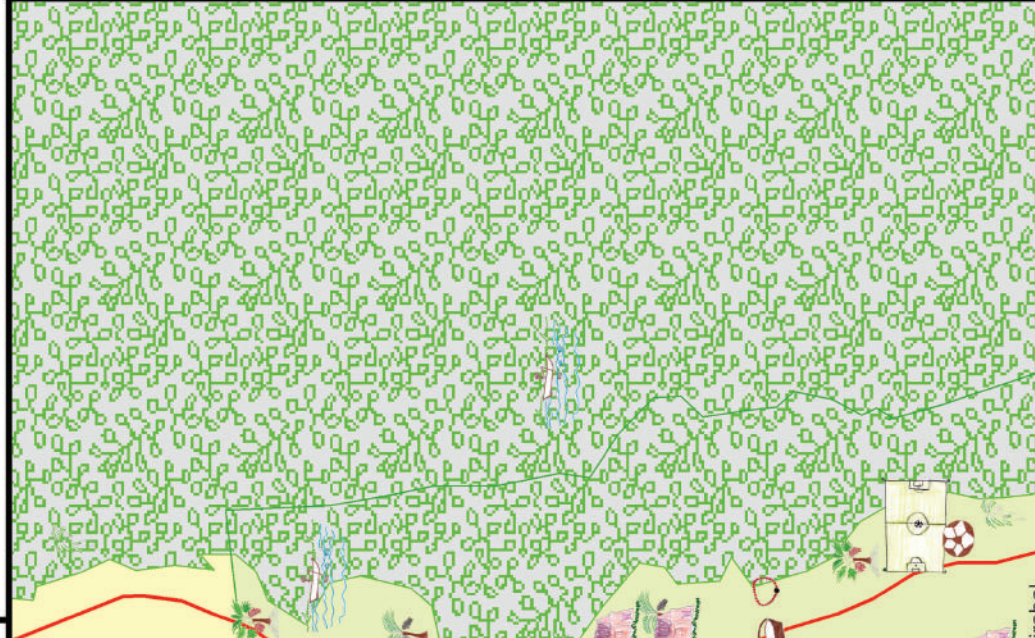


Everaldo Valente, presidente da comunidade quilombola de Peafú

Foto Bruno Mileo

ESPAÇO

1°30"W



1°55'30"S

LEGENDA

Elementos Identitários

 Festividade de Santa Rita (27/jul a 08/ago)

 Festividade de São José (10 a 19/ago)


 Festa Junina (Escola municipal de Peafu)


 Danças culturais (Raízes da Terra: nego nagô, carimbó e capoeira)

 Reuniões da ArqPeafu

 Pesca artesanal

 Artesanato (cestos, paneiro, tapetes, redes, biojóias)

 Agricultura da mandioca


 Cultivo do milho e feijão

Cultivo de frutas:

 Cupuaçu

 Laranja

 Açai


 Bacaba

 Buriti


Uso de recursos naturais

 Plantas nativas (Murumuru, arumã,


 bacabeira, palha de tucumã)

 Hortaliças

 Plantas Medicinais (capim santo, boldo,

 folha grossa)












Criações:

 Galinhas, picotes e patos


 Porcos









Pontos de referências

-  Escola de ensino fundamental
-  Igreja Católica de Sta. Rita
-  Igreja Católica de São José
-  Prática afroreligiosas
-  Campo de Futebol (Torneio de futebol)
-  São José Esporte Clube
-  Santa Rita Esporte Clube
-  Antigo Cemitério (árvore jutaizeiro)
-  Casa da farinha
-  Barracão Comunitário
-  Moradias

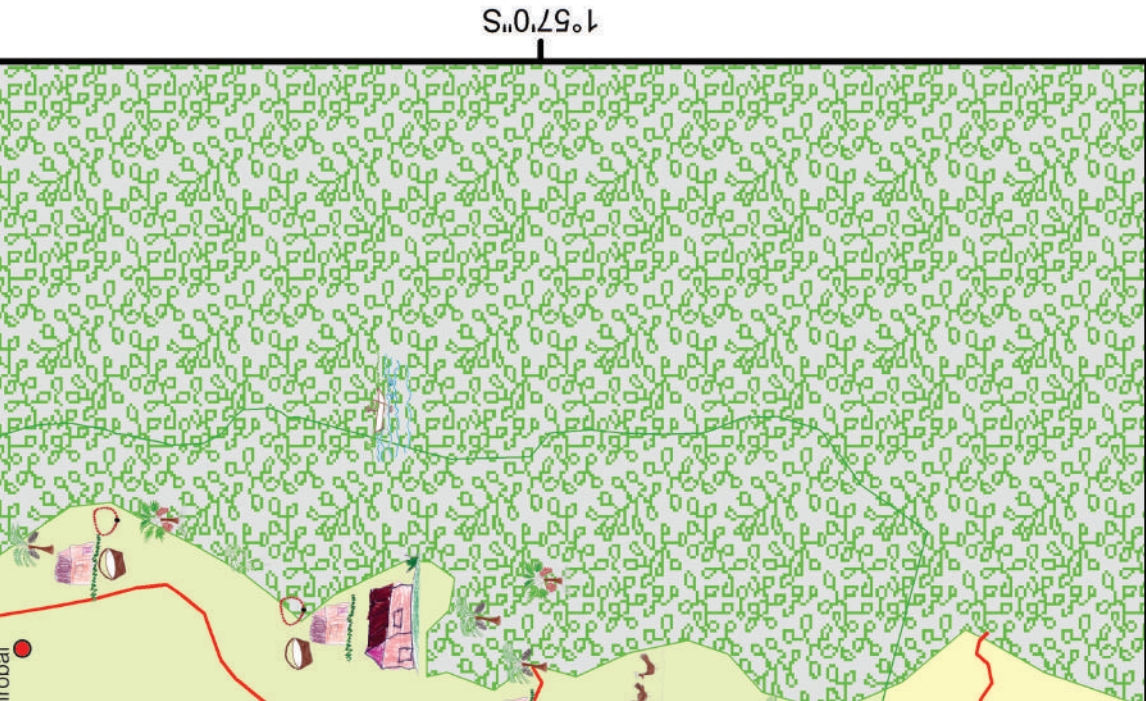
Situações de conflito

-  Criação de gado e porcos soltos

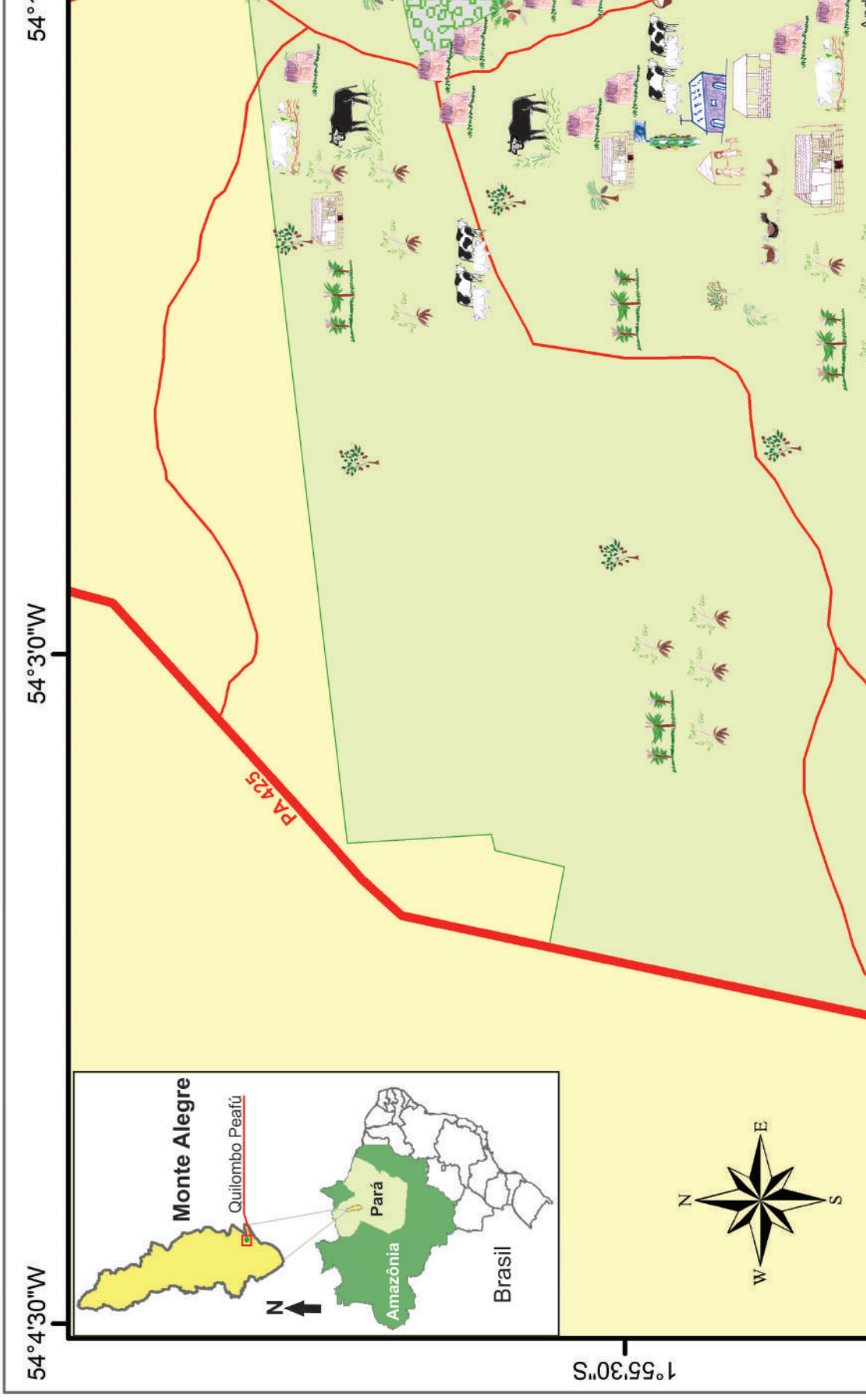
Convenções Cartográficas

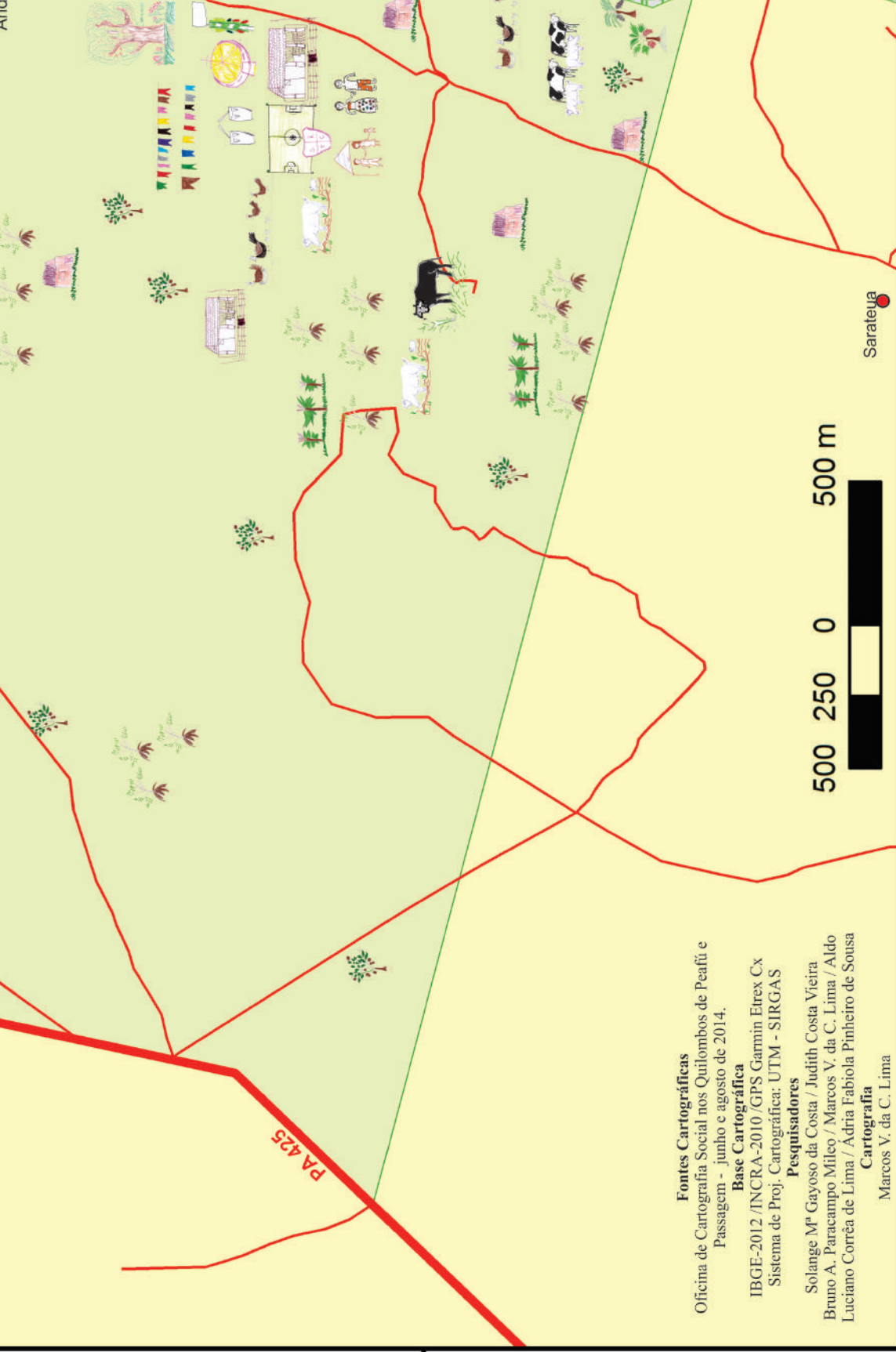
-  Localidade
-  Rodovia estadual
-  Vicinais e caminhos de chão batido
-  Área do Quilombo Peafú
-  Área de Igapó
-  Município de Monte Alegre

Outubro - 2014



ARQPEAFU CONQUISTANDO O SEU





1°57'0"S

Fontes Cartográficas

Oficina de Cartografia Social nos Quilombos de Peafú e Passagem - junho e agosto de 2014.

Base Cartográfica

IBGE-2012 /INCRA-2010 /GPS Garmin Etrex Cx Sistema de Proj. Cartográfica: UTM - SIRGAS

Pesquisadores

Solange Mª Gayoso da Costa / Judith Costa Vieira
Bruno A. Paracampo Mileco / Marcos V. da C. Lima / Aldo
Luciano Corrêa de Lima / Adria Fabiola Pinheiro de Sousa

Cartografia

Marcos V. da C. Lima

500 250 0 250 500 m



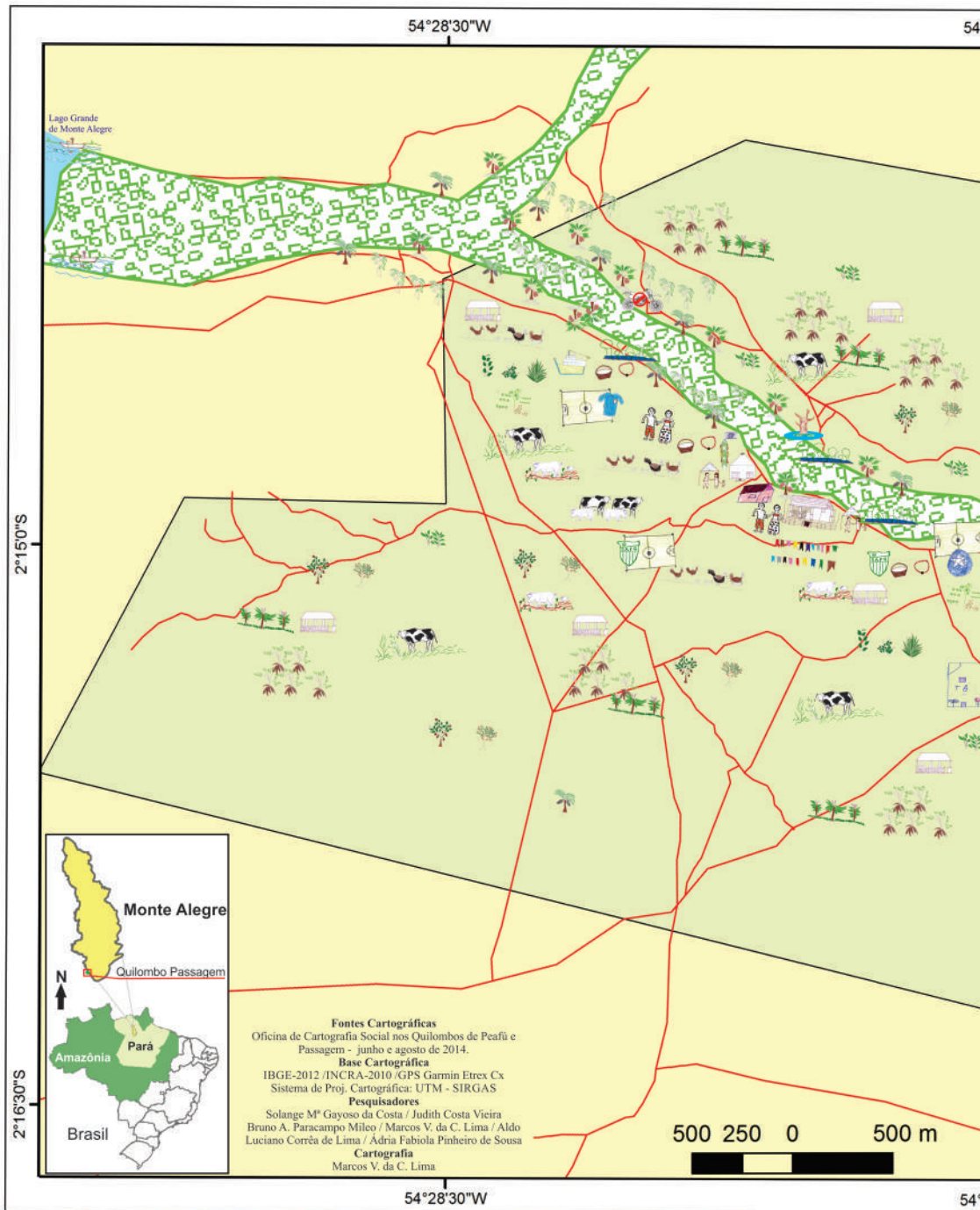
Sarateua

54° 4'30"W

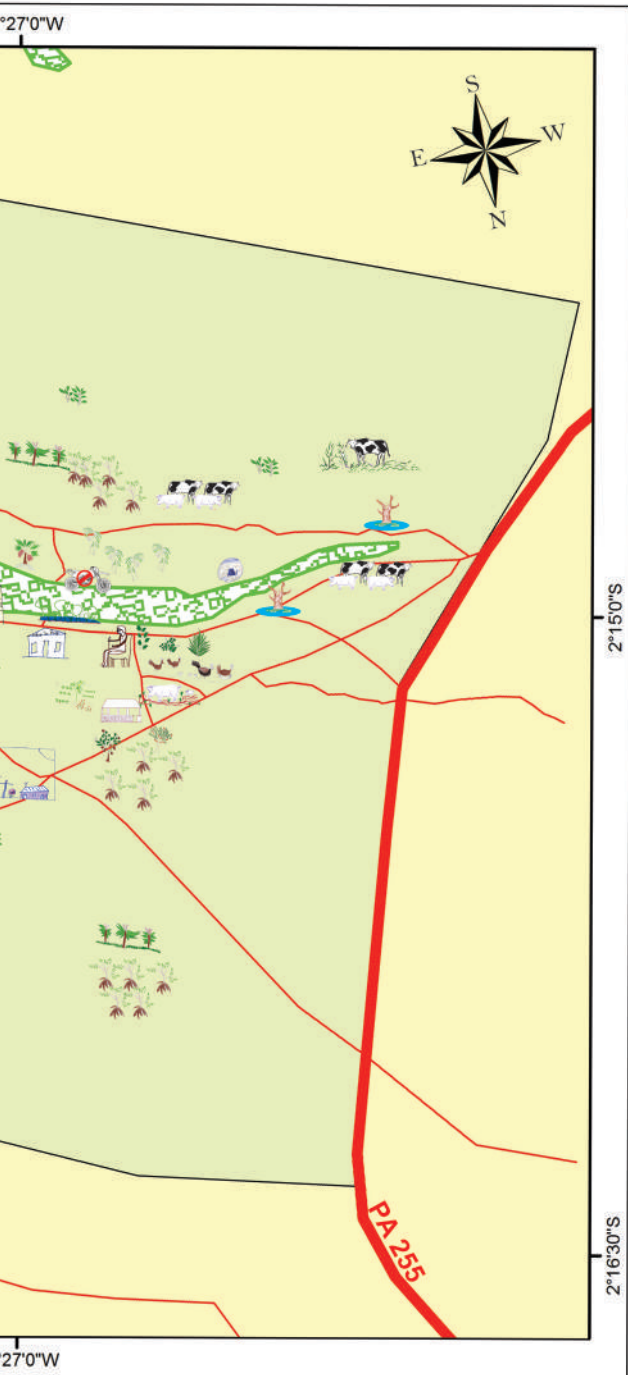
54° 3'0"W

54°

QUILOMBO DE PASSAGEM: VALORIZAÇÃO



ANDO A IDENTIDADE



LEGENDA

Elementos Identitários

- Festividade de Sto. Antônio (14/jun.)
- Festa de São Pedro (21 a 29/jun.)
- Festa Junina (Escola D. Pedro II)
- Dona Lourdes (Benzedeira/parteira)
- Danças culturais (na escola/barracão)
- Pesca artesanal
- Artesanato (cestos, redes, paneiros, tapetes e biojóias nas residências)
- Agricultura da mandioca
- Cultivo do milho (feijão e macaxeira)
- Cultivo de frutas:*
 - Cupuaçu
 - Laranja
 - Açaí
 - Bacaba
 - Buriti
- Uso de recursos naturais*
 - Plantas nativas (Palha Sororó, cipó-Tracuá, Cipó-Titica, Cipó-alho)
 - Hortaliças
 - Plantas Medicinais (capim santo, boldo, folha grossa)
- Criações:*
 - Galinhas e patos
 - Porcos
 - Gado

Pontos de referências

- Escola de ensino fundamental/médio
- Igreja Católica
- Igreja Evangélica da Paz
- Local de reunião da Associação
- Campo (local de torneio de futebol)
- Cemitério
- Casa da farinha
- Barracão Comunitário
- Igarapé
- Clubes de Futebol*
 - Clube de Jovens Futebol Clube
 - Santo Antônio Futebol Clube
 - Samaritano Futebol Clube

Situações de conflito

- Criação de gado e porcos soltos
- Extração de minerais
- Desmatamento (Assoreamento das nascentes)
- Poluição dos rios (por lavagem de motos, carro, bicicletas..)

Convenções Cartográficas

- Rodovia estadual
- Vicinas e caminhos de chão batido
- Área do Quilombo Passagem
- Área de Igarapé
- Município de Santarém

Outubro - 2014

História, tradição e memória

Uma crença...

“É sim, porque minha sogra, que era minha sogra que Deus já tirou, ela reunia as coisas e dizia: “vai começar a ladainha de Santo Antônio”. Vai começar. A gente rezava aquelas cantigas né: Santa Maria, Ave Maria, Pai nosso. Era isso, ai começava, Era assim as ladainhas ... Do São Sebastião a gente rezava assim: “São Sebastião/ Daí a teu devoto com a tua proteção/ São Sebastião/ daí teu devoto a sua proteção”. Cântico do santo Antônio: “Salve o grande Antônio/ Santo universal/ A Jesus vos destes contra todo mal, bem mereces-te, ter com amor, vem vossos braços/ Oooh Salvador!” Era isso esse coisa né”.

É lá onde “ocês” foram, da tia Rozina... Era lá que foi as coisas, mas hoje em dia não se vê mais, mas isso já tiram outros cânticos, que as vezes a gente já foi, já não sabe, já não sabe, mas aquele já foi, já foi... Tinha o barracão de festa, tinha casa lá que eu tava contando. A gente rezava lá, terminava, quando era pra encerrar tinha a procissão né, que levava o Santo no andor (...) Que levava a coisa e o pessoal iam rezando atrás”. MARIA DE LURDES REBELO, COMUNIDADE DE PASSAGEM

Danças e festas...

“Tem a capoeira, tem a dança dos quilombos, tem várias brincadeiras, carimbó, essas coisas tem xote, lundum que antigamente dançava. Ainda cansei de ver dançarem essa dança, essa época assim que dançavam, tem muita gente que ignora...É o lundum... Na época do meu pai ele tocava violão ai a gente fazia seresta de noite e eu era uma que era cantora. Eu cantei muito pra ele acompanhar no violão dele, a gente fazia aquelas serestas e dava muita gente eles inventavam, faziam aqueles tamboretinhos, cavaquinhos, duas colheres eles também batiam, mas dava uma seresta muito animada que amanhecia o dia. Hoje, caboco não dança, mas nessas coisas, se não tiver um som bom, o caboco chega assim numa festa e vê que o som não presta já volta pra casa (...).

Bom, o que tinha nas festas é que eles matavam o boi assim pra dá de almoço, no caso quando era o dia do santo, do padroeiro ou da padroeira eles matavam um boi para o pessoal comer, era três dias de festa. Hoje a gente faz uma noite de festa e é bem caro pra nos. Naquela época eram três dias: véspera, dia e ainda tinha a varrição e todas as noites dava muita gente, existia também a cobrança na sala desde o começo já foi assim”. ROSITA VALENTE DA CONCEIÇÃO, COMUNIDADE DE PEAFÚ

João Carlos de Sousa Lobato. Era carregar. Não sei se o senhor sabe o que é “Terroada da Vagem”. Onde aquele gado anda, e quando seca, fica aqueles buracão de pé da gado. Aquilo eles capinavam hora de meio dia e carregavam água na lata e carregavam e empoçavam aquela agua e plantavam aquela muda de capim.



Igreja Santa Rita, Comunidade Peafú
Foto Bruno Mileo



Igreja de Santo Antônio, comunidade de Passagem
Foto Judith Vieira

Uma arte...



Artesanato da Comunidade de Peafú
Fotos: Fabíola Pinheiro



Comunidade de Passagem
Foto Judith Vieira

Problemas e conflitos

Ambiente em mudança...

Comunidade- De um tempo pra cá, começou esse descontrole da natureza, devido isso, ao desmatamento, que o clima não era desse jeito aqui, na nossa região, agora tá feio.

Do desmatamento e o desaparecimento dos encantados...

“Não, nunca vi. Quer dizer, antigamente, mas já faz muitos anos, bem ali pertinho bem aqui tem um tal de poço, neste poço nunca secou aquela água azul, azul, azul quando era assim de tarde, mas não era toda as vezes a gente escutava baterem tamborim pra lá, as vezes meu marido ia caçar ele chegava e perguntava se eu tinha escutava a festa no poço eu dizia não, ai ele dizia poxa foi uma festa agora de tarde, eles batiam mesmo, batiam lata e era aquele coisa danado. Agora mudou tudo, tá tudo roçado acabou não existe não.” ROSITA VALENTE DA CONCEIÇÃO, COMUNIDADE DE PEAFÚ

Sobre a extração de minérios...

“Ele já negociou com o dono dá terra já em vender a estrada, ele vai tirar ali. O outro lá que já era uma área da comunidade que a companhia tirou pra fazer o pinheiro, quer dizer que ficou. Quer dizer essa área pertence à comunidade e ele já negociou com a companhia.

Essa área pertence a comunidade e não era pra eles terem cercado. E aqui um cidadão tem uma área aqui pra esse lado já tirou. Eu tô falando não só dos outro, mas de mim também porque eles chegaram aqui uma vez com o maquinário lá em casa e disseram: “Olha se tu não dá piçarra que é mais próximo, que faz menos gasto, nós vamos embora e você vão ficar à mercê”, porque eu não tinha piçarra eu tava tudo atolado ele fizeram uma vala e disseram que iam botar de volta o que eles raparam, não fizeram nada.

Ficou enorme (um lago), ai um outro homem veio outra vez e fez uma rampa, mas assim pra beneficiar nós aqui. Ai colocou na minha mãe, ou você dá ou vamos embora e vocês vão ficar ilhados.

Não, eu não ganhei nadinha de dinheiro. Ai depois o prefeito veio e disse: - Ah rapaz, isso ai é pago!” JOÃO CARLOS DE SOUZA LOBATO

A pesca

“Porque é assim, lá tem um lago chamado “Ucurítuba” (...). Lá antigamente não existia esse negócio aí. De um tempo pra cá como havia muita invasão do lago, por pescadores de malhadeira, eles iam pra lá. Então lá é uma pescaria assim, onde você ‘arria’ o anzol na água você pega um peixe. Então lá é proibido malhadeira, neste tempo agora. Então a gente sempre tem esse conflito com pessoal de fora.” HAROLDO, COMUNIDADE DE PASSAGEM

A venda de terras

“Por exemplo bem aqui próximo tem um senhor chegou e comprou um terreno né, que não era dele. Ele pagou e depois chegou o dono, Aqui do lado. Às vezes o camarada chega e não procura saber como é a venda de terra né, como é a comunidade. Ai vai comprando terra. Ai o camarada doído para empurrar porque tá precisando propriamente. Ai depois que o camarada vai perceber como é. Ai fica feio, né? Como eu soube que já venderam terreno ai até. O camarada disse que se ele viesse ontem, ele ia levar ele mandar ele lá casa para eu saber quem é, mas ele não apareceu.” HAROLDO, COMUNIDADE DE PASSAGEM

“Acho que seria assim: Algumas pessoas que viessem de fora, querer morar na Passagem, você entendeu como é que é? falasse com a associação, porque se falar venda de terra só com a associação, amanhã na casa do Nildo e do tio Haroldo, eles não vão dormir porque toda hora tão lá, toda hora vai gente lá...Todo mundo quer vender. Então esse lado no meu ponto de vista.” CARLOS, COMUNIDADE DE PASSAGEM

Desmatamento dos Igarapés...



Extração de Seixo
(Comunidade de Peafú)
Foto Marcos Lima



Igapó da Comunidade de Peafú, Foto Bruno Mileo e Igarapé da Passagem
Foto Judith Vieira

Sobre a cartografia

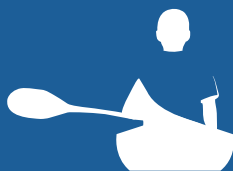
“Sou presidente da associação, também sou delegado sindical da comunidade faço parte do Conselho escolar da escola. Então eu vejo também que é muito importante sim, principalmente o mapa, a comunidade tá mapeada porque aqui, naquele dia a menina perguntou: “Aonde fica a passagem no mapa?”. A gente praticamente não sabia. Então é importante sim; porque a gente vê coisas aqui que pede necessidade, entendeu, que a gente vê porque hoje tem que ter alguma diferença porque era antes né, agora está tudo mudado. Então eu creio que ter, principalmente o mapa, nós tem que saber onde é que nós ‘tamo’, no município.” HAROLDO BERNADO DOS SANTOS

Reivindicações das comunidades

1. Demarcação e titulação dos territórios quilombolas;
2. Implantação e fortalecimento das escolas quilombolas;
3. Posto de saúde;
4. Serviço regular de abastecimento de água;
5. Transporte regular e de qualidade;
6. Fiscalização das áreas de pesca;
7. Preservação dos lagos e igarapés;
8. Inibição da venda irregular de terras para pessoas de fora da comunidade;
9. Incentivo à produção e ao artesanato;
10. Melhoramento das estradas;
11. Valorização das suas práticas culturais;
12. Regulamentação da pecuária nos territórios;
13. Regulamentação e fiscalização da extração de minério (principalmente seixo e piçarra).



Apresentação do Mapa na comunidade de Peafú, foto Aldo Lima e Soares e Genildo Neres apresentando o Mapa do Quilombo Passagem

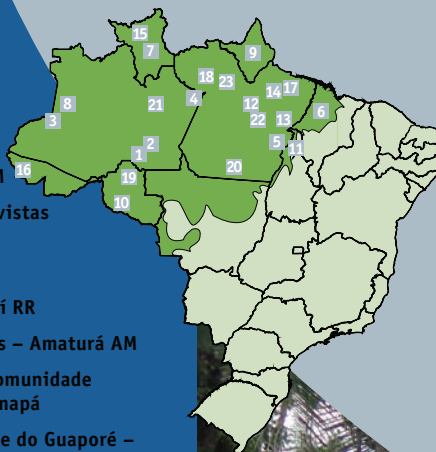


PROJETO

Mapeamento Social

ASSOCIAÇÃO DE REMANESCENTES DE QUILOMBO DE PEAFÚ – ARQPEAFU
ASSOCIAÇÃO DE REMANESCENTES DE QUILOMBO DE PASSAGEM – ARQPASSAGEM

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas do Sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores Rurais do Cujubim – Caracará RR
- 8 Desmatamento e a devastação de castanhais – Amaturá AM
- 9 Associação de moradores e produtores da comunidade remanescente de Quilombolas do Rosa – Amapá
- 10 Quilombolas do Forte Príncipe da Beira, Vale do Guaporé – Costa Marques RO
- 11 Quilombolas da ilha de São Vicente – Araguatins TO
- 12 Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira – Portel PA
- 13 Assentados e acampados no município de Rondon do Pará
- 14 Quilombolas do rio Mutuacá e seus afluentes – Curalinho PA
- 15 Invasão da acácia mangium nas terras indígenas de Roraima
- 16 Rede de Conhecimentos Tradicionais do Alto Juruá – Marechal Thaumaturgo AC
- 17 Comunidade remanescente de Quilombo dos Rios Arari e Gurupá em busca da liberdade
- 18 Quilombolas de Cachoeira Porteira – Alto Trombetas, Oriximiná PA
- 19 Ribeirinhos, extrativistas e moradores das comunidades deslocadas por hidrelétricas – Rio Madeira RO
- 20 Identidade e território Pastana Yudja Juruna – São Félix do Xingu PA e Santa Cruz do Xingu MT
- 21 Indígenas na luta contra a devastação em seus territórios – Rio Cuieiras, Manaus AM
- 22 Quilombolas do rio Pacajá – Portel PA
- 23 Comunidades Quilombolas de Passagem e Peafú – Santarém e Monte Alegre PA



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7883-309-1



9 788578 833091



BNDES



REALIZAÇÃO

ASSOCIAÇÃO DE REMANESCENTES DE QUILOMBO DE PEAFÚ – ARQPEAFU
ASSOCIAÇÃO DE REMANESCENTES DE QUILOMBO DE PASSAGEM – ARQPASSAGEM

APOIO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS



UFOPA